

A dinâmica de gênero na dissuasão da migração e intervenções anti-tráfico: o caso das profissionais do sexo nigerianas em Kumasi, Gana¹

Samuel Okyere

Resumo: Este trabalho examina como as medidas anti-tráfico, anti-contrabando e outras, que fazem parte das operações de dissuasão da migração da União Europeia (EU) na Nigéria, estão afetando práticas migratórias e vidas sociais na Nigéria e em outros Estados da África Ocidental. Baseia-se em dados de pesquisa com um grupo de facilitadores de viagens nigerianos (frequentemente chamados de “contrabandistas”) gerenciadores e seus clientes para discutir uma rota emergente de “contrabando de pessoas” (Nigéria-Benin-Togo-Gana-Europa) que surgiu em resposta às medidas de dissuasão da migração da UE em aeroportos internacionais nigerianos. A discussão destaca o recorte de gênero deste novo fenômeno migratório e as complexas relações recíprocas entre facilitadores de viagens e seus clientes, desafiando assim as frequentes narrativas sobre “traficantes ou contrabandistas do mal” que exploram “desafortunadas vítimas de tráfico”. O artigo conclui que as pessoas consideradas vítimas de tráfico enfrentam desafios que tendem a ter origem na criminalização da mobilidade pela União Europeia e outros agentes. Defensores de direitos devem, portanto, desafiar tais sistemas de controle e criminalização da mobilidade.

Palavras-chave: Tráfico; migração; trabalhadores do sexo; tráfico sexual; fronteiras.

¹ Sou imensamente grato aos colegas do projeto financiado pelo Conselho Europeu de Pesquisa (European Research Council - ERC), *Modern Marronage?: the pursuit and practice of freedom in the contemporary world* (ERC ADG 788563); Julia O’Connell Davidson, Angelo Martins Jr e Pankhuri Agarwal por sua generosidade, experiência e comentários extremamente úteis nos primeiros rascunhos deste artigo. Não recebi apoio financeiro direto do projeto do ERC para a realização da pesquisa de campo que resultou nesta publicação. No entanto, meu trabalho contínuo no projeto financiado pelo ERC e o feedback dos meus colegas foram fundamentais para moldar minhas ideias para este artigo.

The gendered dynamics of migration deterrence and anti-trafficking interventions: the case of Nigerian sex workers in Kumasi, Ghana

Abstract: This examines how anti-trafficking, anti-smuggling and other measures that form part of European Union migration deterrence operations in Nigeria are affecting migratory practices and social lives in Nigeria and other West African States. It draws on data from research with a group of Nigerian smugglers, handlers and their clients to discuss a nascent people smuggling route (Nigeria-Benin-Togo-Ghana-Europe) which has arisen in response to EU migration deterrence measures at Nigerian international airports. The discussion highlights the gendered nature of this new migratory phenomenon and the complex reciprocal relationships between travel facilitators and their clients, thereby challenging the popular narratives of unequivocally 'evil traffickers or smugglers' exploiting 'hapless trafficking victims' which pervade such debates. The article concludes that the challenges confronting those deemed to be victims of trafficking tend to originate from the criminalisation of mobility by the EU and other actors. Rights advocacy should therefore challenge such systems.

Keywords: Trafficking; migration; sex workers; sex trafficking; borders.

Dinámica de género en la disuasión de la migración y en las intervenciones contra la trata: el caso de las trabajadoras sexuales nigerianas en Kumasi, Ghana

Resumen: Este artículo examina cómo las medidas contra la trata, el contrabando y otras, que forman parte de las operaciones de disuasión migratoria de la Unión Europea (UE) en Nigeria, están afectando a las prácticas migratorias y a la vida social en Nigeria y en otros estados de África Occidental. Se basa en los datos de una encuesta realizada a un grupo de gestores de viajes nigerianos (a menudo denominados "contrabandistas") y a sus clientes para analizar una nueva ruta de "contrabando de personas" (Nigeria-Benín-Togo-Ghana-Europa) que ha surgido en respuesta a las medidas de disuasión de la UE en materia de migración en los aeropuertos internacionales nigerianos. El debate pone de relieve el corte de género de este nuevo fenómeno migratorio y las complejas relaciones recíprocas entre los facilitadores de viajes y sus clientes, desafiando así las frecuentes narrativas sobre los "malvados traficantes o contrabandistas" que explotan a las "desventuradas víctimas de la trata". El artículo concluye que las personas consideradas víctimas de la trata se enfrentan a retos que suelen derivarse de la criminalización de la movilidad por parte de la Unión Europea y otros actores. Por tanto, los defensores de los derechos deben desafiar estos sistemas de control y criminalización de la movilidad.

Palabras clave: Tráfico; migración; trabajadores del sexo; tráfico sexual; fronteras.

Introdução e contexto

Cada vez mais, a União Europeia (UE) tem terceirizado seu gerenciamento de fronteiras e modalidades de dissuasão de migração de países africanos nas últimas duas décadas (BOSWELL, 2003; ADEPOJU & VAN NOORLOS & ZOOMERS, 2010; ANDRIJASEVIC, 2009; d'HUMIÈRES, 2018). Como exemplificado pelos acordos Itália-Líbia de 2005 e 2008 e Espanha-Marrocos de 2012, a UE exige que os países africanos cooperantes: detenham ou frustrem as tentativas de migrantes irregulares, requerentes de asilo e refugiados de chegar à Europa através do Mar Mediterrâneo; readmitam os deportados da UE; ou participem em programas anti-contrabando e anti-tráfico dirigidos pela UE. Em troca, o país africano cooperante recebe apoio político, ajuda ao desenvolvimento, assistência técnica e outras recompensas da UE ou de países europeus.

Em 2015, a UE decidiu intensificar o uso de medidas de externalização de fronteiras para frear a migração irregular da Nigéria (EUROPEAN COMMISSION, 2015, p. 2-9). Esse objetivo está sendo perseguido por meio de duas grandes estratégias. Em primeiro lugar, a UE aumentou o montante de financiamento e suporte técnico que fornece ao governo nigeriano, ONGs e agências da ONU, como a ION, UNODC, UNICEF, para campanhas anti-tráfico, anti-contrabando e de dissuasão da migração na Nigéria (EU, 2016, p. 2). Notavelmente, em 2016, a UE concedeu à Agência Nacional da Nigéria para a Proibição do Tráfico de Pessoas (NAPTIP) aproximadamente US\$11.217.550 para tais atividades. Além deste valor, a UE adicionou mais US\$144.338.466,04 para fortalecer a capacidade das autoridades nigerianas em aumentar a conscientização sobre e prevenir o tráfico, o contrabando e a migração irregular de cidadãos nigerianos para a UE². Em 2018, o Departamento de Desenvolvimento Internacional do Reino Unido também comprometeu mais de US\$50 milhões para iniciativas contra “migração e escravidão moderna” na Nigéria. Vários países da UE também forneceram financiamento e suporte técnico para a mesma missão.

Um segundo aspecto da implementação das medidas de externalização das fronteiras da UE na Nigéria é a mobilização de Oficiais de Ligação da Imigração da UE (OLI da UE) para esse país. No momento em que este trabalho foi escrito, a Nigéria é um dos 15 países em todo o mundo com mais de 10 OLIs da UE (EU, 2018, p. 4) OLIs de pelo menos 15 diferentes estados-membros da UE (EU, 2018, p. 16)³ estão atualmente localizados neste país. Uma das principais funções dessas OLIs da UE é examinar os passageiros destinados a voar da Nigéria para a UE e, assim, evitar que pessoas com irregularidades o façam. Os OLIs da UE também são encarregados de treinar agentes de imigração, anti-tráfico e anti-contrabando na Nigéria e de facilitar o retorno e a readmissão de cidadãos nigerianos que foram deportados da Europa (EU, 2015b, p. 7; EU, 2018, p. 3-4)⁴.

A implementação de medidas de externalização das fronteiras da UE na Nigéria, juntamente com o próprio desejo do governo nigeriano de abordar seu “problema de imagem” nos discursos sobre migração irregular, resultou em um

² https://ec.europa.eu/trustfundforafrica/region/sahel-lake-chad/nigeria_en

³ https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agenda-migration/20180516_cswd-regulation-proposal-european-parliament-council-creation-network-immigration-liaison-officers_en.pdf

⁴ [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2018/621810/EPRS_BRI\(2018\)621810_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2018/621810/EPRS_BRI(2018)621810_EN.pdf)

aumento acentuado no combate ao tráfico e ao contrabando e à implementação de outras análises de segurança nos dois aeroportos internacionais na Nigéria: *Nnamdi Azikiwe* em Abuja e *Murtala Muhammed* em Lagos. As pessoas que viajam por esses aeroportos para a UE (e outros lugares) enfrentam ampla triagem e detenção se forem suspeitas de estarem envolvidas no tráfico, contrabando e migração irregular.

Muito tem sido escrito sobre o impacto de tais práticas de externalização de fronteiras sobre os migrantes nas regiões do Norte da África e Magrebe. Por exemplo, as intervenções da UE implementadas pelas autoridades líbias para evitar que migrantes cruzem o Mar Mediterrâneo para a Europa resultaram em milhares de migrantes sendo retidos no país. Aqueles apreendidos pelas autoridades líbias enfrentam detenção prolongada sob condições desumanizantes, como também extorsão. Muitos são sequestrados para resgate, trabalho forçado e remoção de órgãos do corpo, entre outros abusos cometidos por gangues de criminosos (AYOUB, 2017; LEMBERG-PEDERSEN, 2018).

Em contraste com lugares como a Líbia, Marrocos e outros, tem havido uma exploração limitada do impacto das medidas de externalização das fronteiras da UE na Nigéria e na região da África Ocidental de modo geral. A NAPTIP divulga frequentemente as apreensões feitas pelas ações anti-tráfico e anti-contrabando e outras descobertas decorrentes do reforço e securitização dos aeroportos nigerianos (ver exemplos deles no Daily Post⁵, 2016; NAPTIP, 2017⁶; The Vanguard 2018⁷, The Punch, 2018⁸) mas, de modo geral, sabe-se relativamente pouco sobre as intervenções de dissuasão da migração em andamento conduzidas pela UE que afetam os direitos e a vida social dos migrantes nesta parte do mundo.

Este artigo é uma contribuição que busca preencher tal lacuna no conhecimento sobre o assunto. Baseia-se nas descobertas de pesquisas com um grupo de mulheres nigerianas cujos planos de viagem para a Europa foram impactados pelas atuais modalidades de externalização das fronteiras da UE em seu país e que estão, portanto, explorando meios alternativos de viagem. O artigo começa delineando o estudo da pesquisa, seguido pela análise dos relatos das mulheres. Nas seções de discussão e conclusão, o artigo argumenta que as medidas de externalização das fronteiras da UE representam uma ameaça contínua aos direitos dos migrantes nesta região, uma vez que estão produzindo formas de migração mais precárias que desfavorecem principalmente as mulheres. Tais medidas deveriam, portanto, ser desmontadas com urgência.

Delineamento de pesquisa e coleta de dados

O principal objetivo deste projeto exploratório, que ocorreu entre maio e junho de 2018, foi compreender os impulsionadores do recente aumento no envolvimento de mulheres nigerianas na prostituição em Gana, conforme amplamente divulgado pela mídia e pelas autoridades de ambos os países nos

⁵ <http://dailypost.ng/2016/03/05/naptip-arrests-woman-for-trafficking-over-100-girls-to-libya-for-prostitution/>

⁶ <https://www.naptip.gov.ng/?p=1254>

⁷ <https://www.vanguardngr.com/2018/02/human-trafficking-naptip-rescues-14-victims-nnamdi-azikiwe-airport-2/>

⁸ <https://punchng.com/trafficking-dss-naptip-rescue-16-women-at-abuja-airport/>

últimos 3 anos (MODERN GHANA, 2017⁹; DAILY GUIDE, 2017¹⁰; PULSE, 2017¹¹; PUNCH, 2018¹², WAZUPNAIJA, 2018¹³). Há uma tendência histórica e estabelecida de migração da Nigéria para Gana, principalmente para fins de educação e comércio (ANTWI-BOASIAKO, 2009). No entanto, como foi observado na mídia e nas discussões públicas, a dimensão da prostituição é relativamente nova (DAILY GUIDE, 2017; PUNCH, 2018; BUSARI, 2019; NEWSGHANA, 2019; NIGERIAN VOICE, 2019) e, portanto, requer uma análise cuidadosa. Este é o primeiro estudo acadêmico que se conhece sobre os impulsionadores e as dinâmicas desse fenômeno.

Um total de dezesseis participantes estiveram envolvidas neste estudo, todas mulheres. Conforme será discutido, o gênero homogêneo das participantes reflete a forma como as medidas de externalização das fronteiras da UE afetam desproporcionalmente mulheres e meninas na Nigéria. O grupo era composto por duas facilitadoras de viagens (“contrabandistas”); duas “reparadoras”, responsáveis pelos alojamentos e outras logísticas para as viajantes; e outras doze que contavam com as facilitadoras e reparadoras para realizarem suas viagens.

Os dados foram coletados a partir das histórias de vida, jornadas e experiências vividas das mulheres, usando uma combinação de entrevistas não estruturadas e análise fenomenológica interpretativa (AFI). Esta escolha metodológica deu-se pelo fato de que o estudo buscava obter histórias vividas e profundas sobre as experiências das mulheres participantes em seus próprios termos, em vez daqueles estabelecidos pelo pesquisador. Estes são alguns dos pontos fortes das entrevistas não estruturadas e da AFI, que situam a construção de significado no nível da pessoa em contexto e produzem narrativas pessoais detalhadas quando usadas de forma eficaz (SMITH, 2004; PALMER et al. 2010; LARKIN & THOMPSON, 2011). AFI e entrevistas não estruturadas são, também, muito adequadas para o estudo de tópicos complexos, evolutivos, ambíguos e carregados de emoção, tal qual o que formou o foco deste estudo (SMITH; OSBORN, 2015, p. 41).

Para ter acesso às participantes, primeiro foram enviados convites por meio de um escritório de advocacia que presta serviços a migrantes nigerianos em Kumasi, onde o estudo foi realizado. Também foram afixados avisos em bares, mercearias e outros estabelecimentos, convidando pessoas interessadas a telefonar para o pesquisador. Aquelas que responderam a esses convites tiveram encontros individuais durante os quais receberam informações detalhadas sobre a pesquisa e a oportunidade de discutir quaisquer questões ou preocupações relacionadas ao projeto. Posteriormente a esses encontros, foi solicitado que refletissem sobre as informações e que ligassem novamente para o pesquisador, caso desejassem participar do estudo.

De acordo com os padrões éticos, todas as participantes foram informadas do caráter voluntário de sua participação e de seu direito de se retirarem do

⁹ <https://www.modernghana.com/news/809564/young-nigerian-prostitutes-in-ghanahigh-commissioner-wee.html>

¹⁰ <https://dailyguidenetwork.com/32-nigerian-prostitutes-arrested-abeka-lapaz/>

¹¹ <https://www.pulse.com.gh/ece-frontpage/sex-workers-32-nigerian-prostitutes-arrested-at-abeka-lapaz/6tcbz72>

¹² <https://punchng.com/ghanaian-police-arrest-41-nigerian-prostitutes/>

¹³ <https://wuzupnigeria.com/illegal-stay-ghana-to-deport-72-nigerian-prostitutes/>

estudo a qualquer momento, sem necessidade de justificativa. Ao final das entrevistas, as gravações de áudio foram transcritas e analisadas de acordo com as orientações de Smith et al. (2009) e Larkin e Thompson (2011, p. 106). Primeiro, li todas as transcrições em detalhes, voltando às gravações em que senti que o tom não havia sido captado adequadamente pelo texto. Isso foi seguido por uma anotação de primeira linha (codificação rápida) e uma codificação linha por linha para identificar padrões cumulativos e familiaridades ou categorias de ideias emergentes. Por fim, conciliei ideias e padrões cumulativos em temas principais. Ambos os processos de coleta e análise de dados foram executados respeitando a hermenêutica da empatia com a da crítica e do questionamento, proposta por Smith, Flowers e Larkin (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Um estado de crises na Nigéria”

O objetivo principal deste estudo foi explorar os fatores que impulsionaram o recente aumento no envolvimento de mulheres nigerianas na prostituição em algumas cidades ganenses. Um tema dominante que surgiu das análises de dados foi que este fenômeno é, em parte, impulsionado pelas operações anti-tráfico e anti-contrabando que fazem parte da implementação de medidas de externalização das fronteiras da UE na Nigéria. De acordo com os relatos das participantes da pesquisa, mulheres e meninas (especialmente) enfrentaram fiscalização reforçada e potencial detenção em aeroportos internacionais em seu país. Aquelas cujos motivos para viajar foram julgados suspeitos ou cuja documentação foi julgada inautêntica enfrentaram detenção e seus planos de viagem foram comprometidos. Esta “crise”, conforme as mulheres descreveram a situação, as levou a perseguir suas ambições de viagem através de Gana e outras rotas alternativas.

As “contrabandistas” explicaram que geralmente fornecem às suas clientes passaportes, vistos e outros documentos - autênticos ou adquiridos ilicitamente - que lhes possibilitam voar diretamente da Nigéria para a Europa e outros destinos, evitando assim as passagens precárias do Saara e do Mediterrâneo. Elas trabalham com informantes da imigração nigeriana, polícia e outros serviços para ajudá-las a evitar a identificação, quando possível. Como Bella - uma de duas “contrabandistas” - explicou no trecho da entrevista a seguir, seus custos (e os de suas clientes, por sua vez) aumentaram significativamente porque seus contatos nos aeroportos e em outros lugares agora estavam exigindo exponencialmente mais dinheiro, citando o aumento da segurança:

Os aeroportos de Naija não chamam muita atenção [os aeroportos nigerianos passaram a chamar muita atenção]. Nossos caras lá dentro ainda nos ajudam, mas estão sempre pedindo mais dinheiro, mais dinheiro a cada dia por causa da situação. É muito!¹⁴

Mesmo quando as contrabandistas e suas clientes pagaram as quantias mais altas e receberam garantias de que poderiam passar pelos aeroportos sem serem

¹⁴ A tradução foi feita na norma padrão do português, mas vale ressaltar que o trecho da entrevista original está escrito em linguagem coloquial (inglesa), respeitando as palavras da entrevistada.

detectadas, isso não era garantido como Pearl, a outra “contrabandista”, observou.

Sete das nossas meninas foram detidas em Abuja, apenas em janeiro deste ano. Já havíamos pago nosso pessoal em Abuja e eles disseram que devíamos trazer as meninas para voar sem qualquer problema, mas ainda assim elas foram presas. Suas famílias e nós tivemos que pagar muito dinheiro para tirá-las de lá. A Nigéria é muito arriscada agora.

O tema da crise também estava explícito nas narrativas das mulheres que estavam usando os serviços das “contrabandistas”, conforme exemplificado pelo relato de Mary, por ter sido impedida de viajar para a Bélgica em 2017:

Eu estava na fila quando os dois policiais vieram me remover. Eles me levaram para um quarto e perguntaram para onde eu estava viajando. Eu lhes disse. Eles então me perguntaram onde consegui meu passaporte e visto e eu disse a eles. Disseram “você é uma mentirosa, isso é falso e você vai fazer ‘ashawo’ [prostituição]”.

Mary foi detida por 2 semanas até que sua família pagou um suborno para garantir sua liberação. Ela estava muito amargurada com a situação, não apenas por causa de sua detenção e pela quantidade de dinheiro que ela e sua família haviam perdido como pagamento por seus documentos de viagem, além da quantia adicional do suborno para sua libertação, mas também porque ela sentiu que foi detida pela segurança porque ela era uma mulher jovem. Como ela explicou: “Dois meninos que estavam conosco foram autorizados a passar. Ninguém disse nada a eles”. Aqui, podemos ver que a ênfase nas mulheres e nas meninas (crianças) em risco particular de tráfico produz um cenário perverso, em que suas oportunidades migratórias são reduzidas sob o pretexto de “resgatá-las” ou “salvá-las” do tráfico.

Uma terceira dimensão do tema da crise que estava associada às medidas de externalização das fronteiras da UE dizia respeito à hostilidade para com os migrantes na UE e nas políticas europeias de visto e imigração. A retórica comum da imigração sugere que as pessoas devem procurar viajar pelos canais regulares ou legais. No entanto, como explicou Cindy, uma das mulheres que usam os serviços dos contrabandistas foi levada a essa opção depois de várias tentativas malsucedidas de obter um visto para o Reino Unido para se juntar a seu parceiro em Birmingham:

O primeiro [pedido de visto] foi para visita, mas eles recusaram. Ele [namorado] mandou novos documentos e tentamos de novo, e recusaram novamente. Um de nossos amigos nos aconselhou a tentar um visto de parceiro, mas eles recusaram de novo. Eles disseram que seu dinheiro [o limite mínimo de renda imposto aos residentes do Reino Unido que se candidatam a vistos de parceiro ou de cônjuge] “não era suficiente”.

Mobilidade restrita: riscos e custos aumentados para os viajantes

As questões discutidas sob o tema das crises em torno dos esforços das mulheres para migrar reforçam que as operações em andamento da NAPTIP-UE, na Nigéria, não estão apenas levando as viajantes aos serviços de “contrabandistas”, mas também criando novas rotas migratórias pela África Ocidental. Segundo as

mulheres, elas sabiam de outras pessoas que estavam tentando migrar para a Europa através de outros países da região. A preferência delas por Gana se deve ao idioma e aos laços históricos entre os dois países, como explicou Chidinma, uma das viajantes:

Gana e Naija [Nigéria] são primos, como todo mundo diz. Ambos falamos inglês e muitos dos nossos nigerianos já estão aqui. Eles conhecem os “grandes homens” aqui com quem podemos conversar. Não é o mesmo em Togo ou Benin. Nos Camarões, eles sempre suspeitaram dos nigerianos! Gana é ok. Você pode até voltar para a Nigéria hoje, agora, se algo acontecer.

Apesar desse relato, o estudo descobriu que as tentativas das mulheres de voar para a Europa via Gana e outros países da África Ocidental e, assim, superar as limitações impostas à sua mobilidade pelas medidas de externalização das fronteiras da UE em andamento em seu próprio país, apresentaram riscos e custos elevados. Seus relatos e a análise de dados mostraram que esses riscos e custos extras foram o outro fator crítico por trás do número crescente de mulheres nigerianas envolvidas na prostituição em Gana.

De acordo com os relatos das “contrabandistas”, custa aproximadamente US\$5.000 para garantir passaportes, vistos legítimos ou adquiridos ilegalmente, passagens aéreas e subornos para a polícia, equipe de imigração e aeroporto para facilitar a entrada de cada cliente na Europa através da Nigéria. No entanto, este custo aumentou para aproximadamente US\$10.000 em vista dos novos contatos que foram forçados a estabelecer no Togo, Benin e Gana para facilitar as viagens de suas clientes por esses países da África Ocidental. Elas, normalmente, cobram de US\$11.500 a US\$19.000 por seus serviços, dependendo das circunstâncias da cliente, da qualidade dos documentos que estão sendo oferecidos, do relacionamento entre as duas partes e assim por diante.

Nem todas as viajantes podem arcar com todo esse valor antecipado. Na verdade, algumas das mulheres envolvidas neste estudo ainda não haviam pago um centavo às “contrabandistas” na época das entrevistas. É frequente, portanto, que as duas partes entrem em um acordo segundo o qual a viajante pagará a “contrabandista” pelos seus serviços ao chegar com sucesso à Europa. A viajante, geralmente, concorda em pagar juros sobre as despesas de viagem assim que chegar à Europa, uma vez que a “contrabandista” arcará com todas as despesas financeiras da viagem e corre o risco de perder seu dinheiro se a viagem for interrompida ou falhar.

Sendo assim, em vez da quantia do “empréstimo” original de US \$11.500 a US \$19.000, a viajante pode ser obrigada a pagar cerca de US \$50.000 assim que chegar à Europa. Além disso, como a viajante enfrentará o *status* de migrante sem documentos ao chegar à Europa, muitas vezes há o reconhecimento tácito ou implícito entre as duas partes de que pagar a quantia colossal exigiria a participação na prostituição e em outras formas precárias de trabalho. Esses acordos foram documentados de forma semelhante por Mai (2016, p. 01), que aponta que: “ao contrário do apagamento essencialista do consentimento pelos estudos abolicionistas e pela formulação de políticas, as migrantes podem decidir enfrentar acordos de exploração limitados com pessoas que permitem suas viagens e trabalho no exterior a fim de cumprir os objetivos econômicos e administrativos (tornando-se documentados) que elas se propuseram”.

O estudo descobriu que esse arranjo migratório estava sendo replicado na rota da Nigéria para Gana, sendo utilizado pelas “contrabandistas” e viajantes para facilitar seus planos de viagem na Europa. De acordo com seus relatos, as “contrabandistas” gastam em média US\$130 em transporte, hospedagem, refeições e subornos para trazer uma cliente de Lagos, na Nigéria, para Kumasi ou Accra, em Gana, mas pedem reembolsos de US\$1.300 ou quase dez vezes o custo original. A maioria exige a liquidação desse valor antes de fornecer os documentos ou arranjos necessários para o trecho europeu. Sendo assim, embora mulheres como as envolvidas neste estudo tivessem considerado participar de trabalho sexual e outros trabalhos precários na Europa para liquidar suas dívidas, elas agora teriam que fazê-lo em Gana ou muito mais cedo do que o previsto, com os consequentes riscos.

Um caso de “vítimas” (traficadas) e “agressoras” (traficantes)?

Os relatos convencionais de tráfico, contrabando e “escravidão moderna” podem interpretar a situação apresentada na seção anterior como evidência de “tráfico”. Essa análise tende a nivelar esses casos em um relato simplista de atores malignos, criminosos consumados ou sindicatos do crime organizado que traficam mulheres indefesas e vulneráveis para a prostituição e outros trabalhos precários na Europa (BABATUNDE, 2014; KARA, 2017; IOM, 2017; OBAJA, 2018; NWAUBANI, 2018; EUROPOL, 2018). No entanto, as participantes pintaram um quadro mais complexo de exploração, benevolência e interdependência que problematiza o retrato de seu relacionamento como uma simples questão de “criminosas explorando vítimas ingênuas ou infelizes”.

Em entrevistas com as viajantes, elas frequentemente indicaram que eram gratas pelas “contrabandistas” e seus serviços. Um exemplo disso é registrado no trecho da entrevista abaixo, apresentando a resposta de Vanessa sobre como ela se vê face a face com as “contrabandistas” e reparadoras:

Nós não apenas nos levantamos um dia e dissemos que íamos para Gana. Você conhece alguém em Gana ou na Alemanha? Você não conhece ninguém lá. Então, alguém deve ajudá-la. Por exemplo, como eu poderia ter conseguido chegar aqui se ela [a “contrabandista”] não me ajudasse [...] eu estaria lá [Nigéria] ainda, sofrendo. Ainda estou sofrendo agora, mas ao menos estou vendo dinheiro também.

Todas as viajantes conheciam as “contrabandistas” antes de embarcar na viagem. Duas mulheres frequentavam a mesma igreja que Bella, que era bem conhecida em sua comunidade como uma facilitadora de viagens de renome. As negociações de preços e de outros termos em torno da viagem envolveram a família de cada mulher e a de Bella, em vez de acordos individuais. Devido a esses vínculos sociais e a um desejo de manter sua reputação como uma “contrabandista” de confiança, Bella também explicou que ela se sentia totalmente responsável pela segurança das duas mulheres. O relacionamento delas era colaborativo ou recíproco, em vez de antagônico ou puramente explorador, como também pode ser visto no relato de Mary, sobre como ela acabou usando os serviços de Pearl que, por acaso, era sua veterana no ensino médio.

Mary: Eu nem sabia que ela estava levando pessoas para o exterior. Uma das meninas do nosso complexo [residencial] me disse que deveríamos ir encontrá-la. Quando chegamos à casa dela e eu vi que era Pearl, pensei, agora sei que está tudo bem porque ela era uma boa pessoa na escola.

S: E se ela tivesse mudado desde então?

Mary: Eu a conheço agora e também conheço sua família. Meu tio e mãe foram comigo vê-la antes de partirmos. No começo, ela disse que iria cobrar US\$2.000 como depósito antes de partirmos, mas porque ela me conhecia, ela concordou que não ia pagar até começar a trabalhar. E agora eu estou trabalhando e pagando. Eu confio nela e ela também confia em mim.

Conexões sociais ou pessoais são, portanto, importantes para esses arranjos. O envolvimento de membros da família nas negociações, por exemplo, agrega outra camada de obrigação para ambas as partes cumprirem sua parte do acordo: a “contrabandista” deve fazer o seu melhor para levar, com sucesso, a viajante ao destino combinado; e a viajante, por sua vez, deve honrar seu compromisso de pagamento do valor acordado. Assim, quando questionadas sobre seu conhecimento sobre o tráfico de pessoas e se elas se viam como vítimas de tráfico, as viajantes rejeitaram esse rótulo, como pode ser visto no seguinte trecho da entrevista:

S: Outra pergunta que quero fazer - você já ouviu o termo “tráfico”?

P2: Sim.

S: Eu tenho lido em muitos lugares [...] A informação que tenho é que mulheres jovens como você, que são levadas da Nigéria para fazer este trabalho em Gana ou Itália e outros lugares, foram traficadas. Posso dizer que isso representa sua situação?

P2: Eu não concordo com isso.

S: Por que você não concorda com isso?

P2: Porque ninguém pode te forçar.

S: Sim?

P2: Ninguém pode te forçar a fazer o que você não quer fazer; eles não podem apenas forçá-lo e trazê-lo aqui para fazer isso. É você - se você deseja fazer, você faz, se não, você não vem com eles. O dinheiro que eles querem que eu pague é muito, mas esse é o acordo que eu aceitei.

P2: Eu não acho que eles estão forçando alguém, mas não conheço a cabeça de todo mundo; eu só conheço a minha.

Com certeza, P2 e as outras viajantes concordam a respeito da quantidade de dinheiro exigida por suas “contrabandistas”. Elas veem isso como especulativo e explorador, e era a questão mais provável para prejudicar o relacionamento entre as duas partes. A despeito de seu descontentamento, elas rejeitaram completamente serem apresentadas como vítimas de tráfico ou “cordeiros

ingênuos para abate”, como geralmente sugerido em relatos anti-tráfico dominantes. A maioria delas (incluindo P2), de fato, também racionalizou os pagamentos quando discutimos mais o assunto.

S: Eu estou bastante surpreso que você esteja pagando esse tanto para XXX. Você já discutiu uma redução desse valor com ela?

P2: ... Sim. Mas, depois que conversamos, agora também a entendo. Quando calculamos o dinheiro, a gente não acrescenta nada do suborno que ela também precisa dar aos policiais e outras pessoas para a nossa segurança. Agora, eu mesma, eu nem dei um centavo a ela quando saímos da Nigéria. Ela pagou tudo. Tudo o que fiz foi sentar no carro e vir para Gana, porque eu quero ir para a Alemanha. É tudo dinheiro dela e eu só tenho trabalhado para retribuí-la para que possamos continuar. Eu entendo o caso dela [...] Se fosse eu, acho que faria a mesma coisa. Então eu não estou feliz sobre o dinheiro que estou pagando, mas entendo.

Esse relato da P2 e de outras mulheres corroboraram as justificativas das “contrabandistas” para as quantias exorbitantes exigidas após uma viagem bem-sucedida. Na seção conclusiva, o artigo argumenta que, se a facilitação de viagens clandestinas é primeiramente um negócio, conforme sugerido por alguns atores (ZHANG, 2007; GAMMELTOFT-HANSEN & SORENSEN, 2013; EUROPOL, 2018), as medidas de externalização das fronteiras da UE e outros esforços de dissuasão da migração na África Ocidental involuntariamente fazem da UE um parceiro fundamental nesta empreitada, nesta parte do mundo. As medidas da UE em andamento são “fabricantes de contrabandistas” (BRACHET, 2018), enquanto os esforços para reprimir seus serviços tendem a afetar também seus clientes (SANCHEZ, 2014).

Discussão e conclusão

Por meio das narrativas de um grupo de mulheres que tentam viajar para a Europa via Gana, este artigo traçou alguns dos impactos nocivos das iniciativas anti-tráfico e anti-contrabando que estão sendo executadas na Nigéria como parte das medidas de externalização das fronteiras da UE e operações mais amplas de dissuasão da migração na África Ocidental. Notavelmente, o artigo mostra que as medidas em andamento levaram à criação de uma nova rota de contrabando da Nigéria, Benin, Togo e, eventualmente, Gana, onde as mulheres se envolvem em trabalho sexual e outros trabalhos precários em suas tentativas de retribuir os custos relacionados à sua viagem à África Ocidental para continuar sua viagem à Europa.

Embora a facilitação da migração irregular pelos aeroportos nigerianos possa parecer ter sido minimizada ou derrotada, as alegações de sucesso em relação aos objetivos mais amplos de dissuasão da migração da UE por trás desta medida são questionáveis e também mostram falta de compreensão da história de intervenções semelhantes. Entre 2007 e 2008, a aplicação de medidas semelhantes de externalização das fronteiras da UE no Senegal viu um declínio no número de migrantes irregulares que cruzaram a costa senegalesa para a Europa. No entanto, isso foi acompanhado por um aumento simultâneo no número de pessoas que viajam pelo deserto do Saara para tentar fazer a travessia da Líbia, Marrocos e outros lugares ao longo da costa do norte da África para a Europa

(COLLYER, 2007). De maneira similar, contrabandistas e viajantes da Nigéria simplesmente encontraram novas rotas em Gana e em outros lugares da África Ocidental em resposta aos esforços para suprimir sua mobilidade e serviços.

Os resultados também mostram que o contrabando de pessoas e a facilitação da migração irregular da África Ocidental para a Europa são extremamente diversificados, com graus variados de segurança: desde os mais arriscados, como as viagens pelo Saara para travessias de barco da costa norte-africana para a Europa, até a opção mais segura de usar documentos adquiridos legítima e ilegitimamente para voos para a Europa. O paradoxo é que, mesmo as “contrabandistas” sendo denunciadas por levar migrantes desesperadas por rotas de viagem perigosas (COONAN & ROBINSON, 2005; EUROPOL, 2016), a UE e os governos colaboradores da África Ocidental estão ativamente desmantelando opções de viagem menos perigosas. Neste caso, o que seria uma viagem de 7 horas em voo direto da Nigéria leva pelo menos dois meses, com maiores riscos e repercussões adversas para as mulheres envolvidas.

As decisões das mulheres de usar os serviços das “contrabandistas” também estão relacionadas às suas frustrações com os processos e decisões de solicitação de visto europeu, juntamente com práticas e retóricas anti-migrantes hostis mais amplas que agora permeiam muitos países da UE (ANDERSSON, 2014; ANDERSEN, 2015; LEMBERG-PEDERSEN, 2017). Vários participantes entraram em parcerias com as “contrabandistas” após recusas persistentes e injustas de vistos por parte de países da UE.

Em última análise, portanto, os custos, riscos e outras questões em torno da relação entre viajantes e “contrabandistas” que participaram deste estudo também devem ser entendidos no contexto mais amplo de como as medidas de externalização das fronteiras da UE estão impactando vidas sociais dentro das comunidades afetadas na África Ocidental. A preocupação com a dissuasão da migração da Nigéria para a Europa significa que a atenção muito limitada tem sido até o momento para como as práticas migratórias dentro daquele país e na região também estão sendo impactadas. Há uma necessidade urgente de explorar essas mudanças para entender melhor suas dinâmicas.

Tradução: Tamara Carla dos Santos

Referências

ADEPOJU, A.; VAN NOORLOOS, F.; AND ZOOMERS, A. Europe’s migration agreements with migrant-sending countries in the global south: a critical review. *International Migration*, v. 48, n. 3, 2010, p. 42- 75.

ANDERSSON, R. *Illegality*, Inc. Berkeley, CA: University of California Press, 2014.

ANDRADE, P.; MARTÍN, I.; MANANASHVILI, S. *EU cooperation with third countries in the field of migration. Study for the EP LIBE Committee, European Parliament*. Brussels: European Union, 2015.

ANDRIJASEVIC, R. Deported: The right to asylum at EU's external border of Italy and Libya. *International Migration*, v. 48, n. 1, 2009, p. 148-174.

ANTWI BOSIAKOH, T. Understanding migration motivations in west Africa: the case of Nigerians in Accra, Ghana. *Legon Journal of Sociology*, v. 3, n. 2, 2009, p. 93-112.

AYOUB, J. How the EU is responsible for slavery in Libya. Al Jazeera Online, 2017. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/slavery-walls-fortress-europe-171128094218944.html>>. Acesso em 25 de maio de 2019.

BABATUNDE, A. Human trafficking and transnational organized crime: implications for security in Nigeria. *Peace Research*, v. 46, n. 1, 2014, p. 61-84.

BOSWELL, C. (2003) The "external dimension" of EU immigration and asylum policy. *International Affairs*, v. 79, n. 3, 2003, p. 619-638.

BUSARI, K. Special report: inside the apprehensive world of Nigerian sex workers. Ghana [online] Premium Times Nigeria, 2018. Disponível em: <<https://www.premiumtimesng.com/news/headlines/295077-special-report-inside-the-apprehensive-world-of-nigerian-sex-workers-in-ghana.html>>. Acesso em 21 de maio de 2019.

COLLYER M. In-between places: trans-saharan transit migrants in Morocco and the fragmented journey to Europe. *Antipode*, v. 39, n. 4, 2007, p. 668-90.

COONAN, T; THOMPSON, R. Ancient evil, modern face: the fight against human trafficking. *Georgetown Journal of International Affairs*, v. 6, n. 1, 2005, p. 43-51.

DAILY GUIDE. Nigerian prostitutes flee tamale. Daily Guide Network. [online], 2017. Disponível em: <<https://dailyguidenetwork.com/nigerian-prostitutes-flee-tamale>>. Acesso em 21 de maio de 2019.

d'HUMIÈRES, V. European Union/African cooperation: the externalisation of Europe's migration policies, foundation Robert Schuman Policy Paper. *European Issues*, n. 472, 2018.

EUROPEAN COMMISSION. European Commission Agenda on Migration [online], 2015. Disponível em: https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/policies/european-agenda-migration/backgroundinformation/docs/communication_on_the_european_agenda_on_migration_en.pdf. Acesso em 25 de maio de 2019.

Europol (2016) *Migrant smuggling in the EU*. The Hague: Europol. Disponível em: <https://www.europol.europa.eu/publications-documents/migrant-smuggling-in-eu>. Acesso em 26 de junho de 2020.

EUROPOL. Trafficked by voodoo threats: one of the largest operations in Europe rescues 39 Nigerian women. Disponível em <<https://www.europol.europa.eu/newsroom/news/trafficked-voodoo-threats-one-of-largest-operations-in-europe-rescues-39-nigerian-women>> . Acesso em 13 de maio de 2019.

GAMMELTOFT-HANSEN; SORENSEN, N. *The migration industry and the commercialization of international migration*. Oxford: Routledge, 2013.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. UN migration agency issues report on arrivals of sexually exploited migrants, chiefly from Nigeria. [online] Disponível em: <<https://www.iom.int/news/un-migration-agency-issues-report-arrivals-sexually-exploited-migrants-chiefly-nigeria>>. Acesso em 13 de maio de 2019.

LARKIN, M; THOMPSON. A. Interpretative phenomenological analysis. In: THOMPSON, A.; HARPER, D. (Eds.). *Qualitative research methods in mental health and psychotherapy: a guide for students and practitioners*. Oxford: John Wiley & Sons, 2012. p. 99-116.

LEMBERG-PEDERSEN, M. Making money from EU's migration policies in Libya EU's outsourced 'migration control' to Libya has yielded a humanitarian disaster and billions in profit. Al Jazeera, 2018. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/indepth/opinion/making-money-eu-migration-policies-libya-180102100915057.html>>. Acesso em 25 de maio de 2019.

MAI, N. "Too much suffering": understanding the interplay between migration, bonded exploitation and trafficking through Nigerian sex workers experiences. *Sociological Research Online*, v. 21, n. 4, 2016, p. 1-14.

NIGERIAN VOICE. Prostitution: Ghanaian police arrest 41 Nigerian prostitutes. [online] Disponível em: <https://www.thenigerianvoice.com/news/270076/prostitution-ghanaian-police-arrest-41-nigerian-prostitutes.html>. Acesso em 21 de maio de 2019.

PALMER, M.; FADDEN, G.; LARKIN, M.; VISSER, R. Developing an interpretative phenomenological approach to focus group data. *Qualitative Research in Psychology*, v. 7, 2010, p. 99 - 121.

PUNCH. Ghanaian police arrest 41 Nigerian prostitutes. Disponível em: <<https://punchng.com/ghanaian-police-arrest-41-nigerian-prostitutes>>. Acesso em 21 de maio de 2019.

SANCHEZ, G. *Human smuggling and border crossings*. New York, NY: Routledge, 2014.

SMITH J.A.; OSBORN M. Pain as an assault on the self: an interpretative phenomenological analysis. *Psychology and Health*, v. 22, n. 5, 2007, p. 517-534.

SMITH, J. A.; FLOWERS, P.; LARKIN, M. *Interpretative phenomenological analysis: theory, method and research*. Los Angeles, CA: SAGE, 2009.

SMITH, J.A. Reflecting on the development of interpretative phenomenological analysis and its contribution to qualitative research in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 1, 2004, p. 39-54.

SMITH, J.A.; OSBORN, M. Interpretative phenomenological analysis as a useful methodology for research on the lived experience of pain. *British Journal of Pain*, v. 9, n. 1, 2015, p. 41-42.

UE (2018) Revision of the immigration liaison officers network Regulation (EC) 377/2004. Online. Disponível em:
[http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2018/621810/EPRS_BRI\(2018\)621810_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2018/621810/EPRS_BRI(2018)621810_EN.pdf). Acesso em 11/07/2021

ZHANG, S. *Smuggling and trafficking in human beings: all roads lead to America*. Westport, CT: Praeger/Greenwood, 2007.

Nota Biográfica

Samuel Okyere é Doutor em Sociologia pela Universidade de Nottingham. Professor na Escola de Sociologia, Política e Estudos Internacionais, Universidade Bristol.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1389-1127>
E-mail: sam.okyere@bristol.ac.uk

Recebido em: 28 de abril de 2021

Aceito em: 13 de junho de 2021